

Improvável coalizão eleitoral deve ocorrer na Palestina

Hamas, Jihad Islâmica e ex-dirigente do Fatah podem se unir em Gaza

/ ORIENTE MÉDIO

O Hamas e a Jihad Islâmica concordaram em formar uma improvável coalizão eleitoral com um ex-dirigente do Fatah ligado aos Emirados Árabes Unidos, disseram autoridades palestinas à Associated Press. A aliança pode ameaçar o domínio do Fatah, do presidente Mahmoud Abbas, sobre a Autoridade Palestina - caso as primeiras eleições nacionais em 20 anos realmente ocorram.

Abbas afirmou que o pleito parlamentar será realizado em 28 de novembro em Gaza e na Cisjordânia, mas já adiou eleições outras vezes, inclusive em 2021, quando o Fatah parecia caminhar para uma derrota.

O vice-secretário-geral da Jihad Islâmica, Mohammed al-Hindi, confirmou a formação da aliança em entrevista à AP. Segundo ele, a coalizão apoiará “uma lista nacional unificada”, que poderá reunir figuras independentes, em vez de membros dos grupos.

A composição incluiria um bloco liderado por Mohammed Dahlan, ex-chefe de segurança do Fatah que rompeu com Abbas e foi exilado em 2010. Antes, ele havia sido expulso de Gaza pelo Hamas. Dahlan mantém hoje laços estreitos com os Emirados Árabes Unidos, onde atua como conselheiro do governante do país, além de contatos com autoridades americanas e israelenses.

A aproximação é incomum: os Emirados lideraram os Acordos de Abraão de 2020, enquanto Hamas e Jihad Islâmica comba-



Mais de 74 mil palestinos morreram desde o início da guerra em Gaza

tem Israel há décadas. A aliança parece refletir, sobretudo, a oposição comum a Abbas. Aos 90 anos, Abbas segue no poder desde que seu mandato expirou, em 2009.

O Hamas afirmou em agosto que Dahlan e o líder do grupo Khalil al-Hayya se reuniram no Cairo e discutiram formas de “acabar com a monopolização das decisões nacionais e formular uma estratégia nacional abrangente”.

Al-Hindi disse que a nova frente surgiu após fracassarem tentativas de reunir todas as facções palestinas em torno de um consenso. Ao longo dos anos, esforços para incorporar Hamas e Jihad Islâmica à Organização para a Libertação da Palestina (OLP), liderada pelo Fatah, também não avançaram.

Um dos principais entraves é o reconhecimento de Israel pela OLP. O Hamas afirma aceitar a criação de um Estado palestino em Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental, mas não reconhece for-

malmente Israel. A Jihad Islâmica adota posição mais dura. Ambos são classificados como grupos terroristas pelos Estados Unidos e por outros países ocidentais.

Al-Hindi afirmou que a Jihad Islâmica, que historicamente não participa das eleições organizadas pela Autoridade Palestina, não lançará candidatos próprios, mas apoiará “uma lista nacional que seja acordada”.

O pleito está previsto em meio à violência persistente em Gaza e na Cisjordânia. Um cessar-fogo em vigor desde outubro de 2025 reduziu os combates mais intensos em Gaza, embora Israel siga realizando ataques e controlando parte maior do território.

Segundo o Ministério da Saúde de Gaza, mais de 74 mil palestinos morreram desde o início da guerra. O conflito começou com o ataque do Hamas a Israel em 7 de outubro de 2023, que matou cerca de 1.200 pessoas e levou 251 reféns.

apoiadas pelo Irã disparando contra tropas americanas e os EUA atacando os redutos desses grupos.

O primeiro-ministro iraquiano, Ali Al-Zaidi, descreveu a retirada dos EUA como o início de uma “nova fase, definida pela soberania do Iraque, pela força de suas instituições, pela prontidão de suas forças, pela unidade de suas decisões e por parcerias equilibradas com seus amigos”.

A retirada também foi comemorada por grupos apoiados pelo Irã, mas gerou preocupações entre

outros iraquianos, especialmente na região curda. Paralelamente, pairam dúvidas sobre o futuro das milícias iraquianas, que o governo de Bagdá tem tentado - com pouco sucesso até o momento - desarmar.

As tropas invadiram o Iraque em 2003 para derrubar Saddam Hussein. Elas deixaram o país em 2011, mas, três anos depois, autoridades iraquianas convidaram uma missão menor, liderada pelos EUA, para combater o grupo Estado Islâmico, que havia avançado pelo Iraque, tomando territórios.

Voo com destino a Israel sofreu tentativa de ataque terrorista

/ ISRAEL

O governo de Israel avalia que o incidente ocorrido em um voo dos Emirados Árabes Unidos para Israel, que foi desviado para a Arábia Saudita após transmitir sinais de emergência ontem, foi uma tentativa de ataque terrorista.

“A noção ingênua de que nossos inimigos prezam pela vida e de que deveríamos ter pena deles recebeu outro lembrete nesta manhã, na forma de um terrorista que planejava derrubar um avião e assassinar os 180 israelenses a bordo”, afirmou o ministro da Segurança Nacional de Israel, o extremista Itamar Ben-Gvir.

Segundo agência Reuters, que ouviu duas autoridades israelenses que falaram sob condição de anonimato, um dos pilotos teria tentado derrubar o avião. De acordo com elas, o copiloto teria esfaqueado o comandante antes de a tripulação entrar na cabine de comando e assumir o controle da aeronave. Uma autoridade havia dito anteriormente à Reuters que o avião transmitiu os sinais de emergência depois que os pilotos entraram em confronto físico.

Por volta do momento em que o avião pousou na Arábia Saudita, Doron Spielman, porta-voz do gabi-

nete do primeiro-ministro israelense, disse que não se acreditava que o incidente tivesse sido um sequestro, descrevendo-o como um “incidente diferente”. As duas autoridades disseram que a avaliação atual de Israel é de que o incidente foi uma tentativa de “ataque terrorista” e não estava relacionado a nenhum tipo de problema de saúde mental de qualquer um dos pilotos.

O voo FZ1073, da Flydubai, partiu de Dubai com destino a Tel Aviv e foi desviado para a Arábia Saudita enquanto sobrevoava o espaço aéreo da Jordânia. Segundo o Flightradar24, a aeronave emitiu primeiro um sinal geral de emergência e, depois, outro que indicava possível interferência ilícita.

Dados de rastreamento mostram que o Boeing 737 perdeu quase 14 mil pés (4.267 metros) de altitude em menos de 30 segundos antes do primeiro alerta. Havia cerca de 150 passageiros a bordo, a maioria israelenses. Não está claro quem acionou os sinais de emergência. Em um vídeo supostamente feito por um passageiro israelense a bordo, o passageiro disse que um dos pilotos ficou gravemente ferido e o outro sofreu ferimentos leves depois que um deles foi esfaqueado. A briga teria sido entre eles.

Acordo de autorregulação da IA tem apoio de gigantes do setor, diz Trump

/ INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, divulgou o acordo sobre “superinteligência”, novo nome dado pelo mandatário à inteligência artificial (IA), que estabelece um compromisso conjunto de empresas de tecnologia com responsabilidades de segurança no desenvolvimento e na implantação de modelos avançados de inteligência artificial. Ele recebeu endosso dos CEOs da Google, Anthropic, Meta, OpenAI, xAI e Nvidia.

O documento afirma que cada companhia deve ser responsável por criar sua tecnologia de forma segura e capaz de gerar confiança junto a clientes e ao público. “Esse objetivo começa com a adoção de processos internos robustos para garantir que os modelos se comportem como esperado durante o treinamento e após o lançamento”, diz trecho do documento.

O relatório ainda prevê uma segunda camada de supervisão

com a formação de uma equipe interna dedicada a assegurar que os controles, o monitoramento e os mecanismos de detecção estejam funcionando corretamente, além de que falhas sejam corrigidas rapidamente.

A terceira diretriz aponta para a contratação de auditoria externa independente, encarregada de realizar avaliações autônomas sobre a eficácia desses controles e sistemas de monitoramento. Por fim, o acordo recomenda que um comitê independente do conselho de administração acompanhe todo o processo, receba relatórios das equipes internas e de auditores externos e garanta que problemas identificados sejam efetivamente solucionados.

Trump disse à Axios que avalia nomear Jay Clayton como “czar da IA”. Atualmente diretor de Inteligência Nacional, Clayton é o principal assessor do presidente na área e ocupa o posto mais alto da comunidade do setor, que reúne 18 agências.

EUA concluem retirada das tropas do Iraque

As Forças Armadas dos EUA anunciaram que concluíram a retirada de todas as tropas americanas do Iraque, encerrando uma missão de 12 anos de combate ao Estado Islâmico (EI). As últimas tropas dos EUA deixaram uma base aérea em Erbil, no norte do Iraque, em conformidade com um acordo entre Bagdá e Washington.

A retirada, acertada há dois anos, ocorre em meio à guerra em curso entre os Estados Unidos e o Irã - conflito que, por vezes, se estendeu ao Iraque, com milícias